



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL DA AMAZONIA-
FADESA

KAINÃ DE SOUZA GOMES
TARSIS THAYNA MENEZES COSTA

**A LUDICIDADE NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO DO SER ADULTO COM
TRANSTORNO ESQUIZOFRÊNICO**

PARAUAPEBAS
2023

KAINÃ DE SOUZA GOMES
TARSIS THAYNA MENEZES COSTA

**A LUDICIDADE NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO DO SER ADULTO COM
TRANSTORNO ESQUIZOFRÊNICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Bacharelado em Psicologia, para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Me. Dionis Soares de Souza

PARAUAPEBAS
2023

Kaina G

KAINÁ DE SOUZA GOMES
TARSIS THAYNA MENEZES COSTA tarsis C

**A LUDICIDADE NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO DO SER ADULTO
COM TRANSTORNO ESQUIZOFRÊNICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Bacharelado em Psicologia, para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Me. Dionis Soares de Souza

Aprovado em: 28/06/2023.

Banca Examinadora

Daniela A

Prof. Me. Daniela Dos Santos Americo
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA

João C

Prof. Esp. João Luiz Sousa Cardoso
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA

Dionis S

Milena S

Prof. Orientador Me. Diones Soares de Souza/ Prof. Esp. Milena Vieira Sousa (Suplente)
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia - FADESA

Daniela S. Américo
Coordenação de Psicologia

Data de depósito do trabalho de conclusão _____ / _____ / _____

Dedicamos esse trabalho a todos que ousam sonhar,
que a essência humana nunca se perca, da capacidade
de mudança a potencialidade de experienciar o
fenômeno que é existir.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus e nossa fé em acreditar que sonhos são possíveis de serem alcançados, gratidão a nossa força e determinação pois sem elas não teríamos traçado nosso caminho e feito a escolha pela psicologia e chegado até esse momento.

Aos nossos familiares e amigos que doaram seu tempo, amor e paciência, sem eles nada disso seria possível, eles foram peças fundamentais para a concretização deste trabalho.

A quem torceu, acreditou e incentivou expressamos nossos maiores e melhores sentimentos de agradecimento.

Aos profissionais e professores que em algum momento contribuíram com a nossa construção como pessoa e como profissional, compartilhando de seus conhecimentos e experiências, o nosso MUITO OBRIGADA!

Nos agradecemos mutuamente como dupla, amigas e parceiras por termos nos apoiados, acreditado na ideia e na capacidade uma da outra, mesmo com todas as nossas dificuldades pessoais, conseguimos nos amparar para concluir esse trabalho.

Gratidão em especial ao nosso orientador Dionis Soares, por acrescentar ideias, exigir e nos acolher quando necessário, extraindo de nós muito mais do que supúnhamos ser capazes de fazer. Agradecemos por transmitir seus conhecimentos e por fazer da nossa monografia uma experiência positiva e por ter confiado em nós, sempre estando ali nos orientandos e dedicando parte precioso do seu tempo.

Eu, Tarsis Menezes não poderia deixar de agradecer também a Iana Menezes e Ravih Menezes (filhos que atribuem toda força e coragem e que mudam o sentido da vida).

Eu, Kainã Gomes, agradeço imensamente e de todo meu coração a Waldelise Gomes e Cicero Gomes (meus pais que sempre estiveram por mim, acolhendo e fazendo mais do que eu jamais poderia imaginar, amo vocês!).

**“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas,
mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra
alma humana”.**

Carl Jung

RESUMO

Introdução: A Esquizofrenia é um transtorno mental que não tem uma causa específica. Segundo as pesquisas e manuais abordados, o seu portador apresenta sintomas como alucinações, delírios, catatonia, piora em desempenho cognitivo etc. É um transtorno definido como uma psicose. Apresentado o transtorno, a ludicidade é um fenômeno inerente ao ser humano, presente em diversos aspectos do indivíduo com transtorno ou não, é necessário voltar o olhar para a subjetividade do portador da esquizofrenia como um “Ser”, sendo importante a humanização de forma a haver mais espaços para o desenvolvimento de inter-relações e expressividade desse indivíduo. **Objetivo:** compreender a ludicidade no processo de comunicação do sujeito com esquizofrenia, fazendo emergir o olhar para suas potencialidades como indivíduo existencial; **Método:** foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica, de caráter descritivo, nas bases de dados: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), portal de periódicos da CAPES, PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), PubMed, DeCS- Descritores em Ciências da Saúde, das quais foram selecionados: livros, revistas, periódicos, compatíveis com o tema proposto. **Resultados:** o fenômeno ludicidade é passível de observação a partir da compreensão da sua presença nos processos inter-relacionais; no esquizofrênico, conclui-se a presença do lúdico na manifestação da criatividade artística, que é uma forma de comunicação do esquizofrênico. **Conclusão:** a ludicidade contribui como espaço de expressividade, na promoção da reinserção física, psíquica e social desses indivíduos.

Palavras-chave: Ludicidade, Esquizofrenia, Comunicação, Fenomenologia-Existencial.

ABSTRACT

Introduction: Schizophrenia is a mental disorder that does not have a specific cause. According to the surveys and manuals addressed, its bearer presents symptoms such as hallucinations, delusions, catatonia, worsening in cognitive performance, etc. It is a disorder defined as a psychosis. Having presented the disorder, playfulness is a phenomenon inherent to the human being, present in several aspects of the individual with or without the disorder, it is necessary to look back at the subjectivity of the schizophrenia bearer as a Being, with humanization and making it important in order to have more spaces for development of interrelationships and expressiveness of that individual. **Objective:** To understand the playfulness in the communication process of the person with schizophrenia, making their potential as an existential individual emerge; **Method:** A descriptive bibliographic review research was carried out in the following databases: Scielo (Scientific Electronic Library Online), CAPES journal portal, PePSIC (Electronic Journals in Psychology), PubMed, DeCS- Descriptors in Health Sciences, from which were selected: books, magazines, periodicals, compatible with the proposed theme. **Results:** The playfulness phenomenon can be observed based on the understanding of its presence in inter-relational processes; in the schizophrenic, it is concluded the presence of the ludic in the manifestation of artistic creativity, which is a form of communication of the schizophrenic. **Conclusion:** Alluding contributes as a space of expressiveness, promoting the physical, psychic, and social reintegration of these individuals.

Keywords: Playfulness, Schizophrenia, Communication, Existential phenomenology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1- Emygdio de Barros _ Imagens do Inconsciente	29
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CAPS- Centro de Atenção Psicossocial

DeCS- Descritores em Ciências da Saúde

DSM- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

MS- Ministério da Saúde.

MSD- Manual Merck Sharp e Dohme

NAPS-Núcleos de Atenção Psicossocial

OMS- Organização Mundial de Saúde

PePSIC- (Periódicos Eletrônicos em Psicologia).

PubMed- Plataforma de busca da National Library of Medicine (NLM).

RP- Reforma Psiquiátrica.

SCIELO- *Scientific Electronic Library Online*.

SUS- Sistema Único de Saúde

TCC-Trabalho de Conclusão de Curso

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 ENTENDENDO A ESQUIZOFRENIA.....	18
2.1.1 Esquizofrenia no DSM	18
2.1.2 Critérios de diagnostico de acordo com o DSM.....	19
2.1.3 Contextualização Histórica da Esquizofrenia	20
2.1.4 Da institucionalização para o atravessamento da terapia familiar	22
2.2 O SER ESQUIZOFRÊNICO COMO EXISTENCIAL	23
2.3 CONCEITUANDO A LUDICIDADE	24
2.3.1 O que é o lúdico?.....	24
2.3.2 Elaboração da ludicidade no adulto e aspectos orgânicos.	25
2.3.3 Correlacionando Ludicidade e Comunicação	26
2.4 O SER ESQUIZOFRÊNICO E A LUDICIDADE NO PROCESSO DE EXPRESSIVIDADE.....	27
3 METODOLOGIA.....	30
3.1 Resultados do levantamento bibliográfico	31
3.2 Análise e discussão de resultados	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	50

1 INTRODUÇÃO

Na atual sociedade o indivíduo com transtorno mental ocupa um lugar de estigmatização, preconceito e descriminalização, mesmo com todo o avanço da tecnologia e evolução do pensamento humano em diversos aspectos, ainda não dissociamos a imagem que popularmente se tem, do doente mental, que, em especial a esquizofrenia, acabam sendo excluídos do convívio social. É necessário trazer a luz das discussões o sofrimento desses que diariamente sentem o peso da exclusão (SANTOS, 2015).

No entendimento sobre a esquizofrenia, este trabalho de conclusão de curso se baseia, para uma contextualização inicial, em dados do Ministério da Saúde e em bases estruturadas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que fornece os requisitos para o diagnóstico de transtornos mentais, além de informações abordando diferentes distúrbios psicológicos, e o Manual Merck de Diagnóstico e Tratamento (MSD) na versão para profissionais da saúde, que dá aos médicos e estudantes explicações claras e práticas das milhares de condições clínicas em todas as principais especialidades clínicas e cirúrgicas englobando etiologia, fisiopatologia e opções de avaliação e tratamento (TAMMINGA, 2022).

Posteriormente a apresentação da visão dos manuais, apresentamos brevemente o contexto histórico do sujeito portador da esquizofrenia, bem como a complexa construção do ambiente familiar desse indivíduo, que segundo Santos (2015) ao receber o diagnóstico de esquizofrenia, todo o cotidiano é alterado e em quase todas as vezes a relação doença-família acaba levando a efeitos negativos e desagregações familiares.

O transtorno aqui abordado tem como sintomas básicos, do ponto de vista orgânico: interferência de pensamento, recorrência de pensamento, bloqueio de pensamentos, alteração da fala, capacidade reduzida de discriminação de ideias, percepções, fantasias, referência a ideias instáveis, desrealização, alteração da percepção visual, alteração da percepção auditiva, incapacidade de dividir a atenção e alteração do pensamento abstrato (COSTA; PERES 2018).

A esquizofrenia atinge pelo menos 26 milhões de pessoas ao redor de todo o mundo, o que torna esse transtorno uma das dez maiores causas de inaptidão afetando as suas habilidades de pensar, sentir e agir conscientemente e como consequência essas pessoas têm os maiores índices de desemprego, baixa produtividade, além da necessidade de supervisão e de cuidados integrais (AMORIM *et al.*, 2017).

É um transtorno que afeta igualmente homens e mulheres, embora haja diferença de idade entre os sexos. Nos homens, os primeiros sinais de surgimento dos sintomas começam,

em média, entre os 15 e 25 anos, e nas mulheres entre os 25 e os 35 anos. Os sintomas geralmente costumam aparecer no final da adolescência ou início da idade adulta, embora também possam aparecer no meio da idade adulta (TAMMINGA, 2022).

Para além da conceitualização da Esquizofrenia, Ludicidade e Comunicação, que são os grandes constructos desse trabalho, pretendemos apresentar esses conceitos como uma ferramenta de acesso ao “Ser” esquizofrênico que, segundo Souza (2019) em processos interacionais, relacionais e sociais são tão importantes quanto a medicalização, objetivando oportunizar ao psicoterapeuta a compreensão do significado e da importância do entendimento de como a ludicidade pode influenciar positivamente do processo de comunicação do indivíduo esquizofrênico.

Pacientes esquizofrênicos comumente possuem baixa tolerância para suportar altos níveis de estresse, o que pode dificultar sua comunicação ou interpretação de determinados fatos, assim, cabe ao profissional que esteja envolvido no processo, tomar a iniciativa, monitorar a expressão dos sentimentos durante os atendimentos produzindo clima de compreensão, respeito e empatia, através das atividades é possível sugerir juntamente com a equipe multidisciplinar familiares e principalmente o paciente temas com o desígnio de incentivar a participação de forma organizada interações ativas que seja compreensível elaborada o mais próxima possível da visão de mundo e linguagem do paciente (SANTOS *et al.*, 2014).

A atividade lúdica é fundamental para o desenvolvimento humano, porque através dela há o despertar das emoções, criatividade, imaginação, sociabilidade, inclusão, autonomia, espírito crítico e cidadania (SOUZA, 2019).

Segundo Souza (2019) as atividades lúdicas constituem os jogos e brincadeiras, mas não se restringe a elas, são atos que compõem o comportamento natural do ser humano, é uma linguagem universal e acessível a todos, pois todos brincamos, do momento em que nascemos até a morte, a atividade do brincar ou jogar é uma característica distintiva da humanidade mais antiga, é um comportamento que através das suas finalidades e resultados nos diferencia de outros animais vivos.

Mesmo sendo, geralmente, correlacionada ao atendimento infantil, também se mostra uma possibilidade como parte do conceito de Ludicidade deste trabalho, que se utiliza em adultos e em pacientes com transtornos mentais (SOUZA, 2019).

Para contribuir com a compreensão de como o indivíduo esquizofrênico se relaciona com a ludicidade, nos propomos a colocar esse indivíduo como “Ser” existencial, é uma ideia que demonstra a visão e nos provoca a conhecer o indivíduo para além do que é descrito em um

manual e que é possível existir um sujeito de potencialidades capaz de construir e elaborar a partir de suas próprias vivências, pois segundo Oliveira *et al.* (2018), “A compreensão do sujeito como total, se dá pela sua trajetória percorrida ao longo de sua existência, os atos e atividades até a revelação do projeto que este tem de si”.

Nas intervenções com pacientes psiquiátricos, a proposta é desviar de uma perspectiva verticalizada, na qual se tem uma visão reducionista do indivíduo, como se ele fosse a doença, e assim negligenciando a existência, história de vida e sofrimento do paciente, concentrando-se principalmente na doença em si, em vez de considerar o indivíduo como um todo. Mas sim, adotar uma visão horizontal, onde se direciona para uma ideia de abordagem mais abrangente e humanizada, que leve em conta a individualidade e a experiência de vida do paciente (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

É importante colocarmos em pauta essa perspectiva pois na atual sociedade ainda se vê, latente, um discurso que é pautado no diagnóstico psiquiátrico, e é como se este mencionado definisse a identidade pessoal do indivíduo. E é a partir dessa concepção que se passa a conceber os comportamentos ditos “anormais”, que precisam ser categorizados com base em julgamentos morais, equiparando o comportamento humano a qualquer outro evento e, assim, justificando a necessidade de classificação (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Esses fatores contribuem para o aumento do impacto social da esquizofrenia, uma vez que a condição é pouco conhecida e cercada de tabus e preconceitos que são perpetuados pelo senso comum e até mesmo, pelos manuais (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Para a construção desse trabalho, adicionamos a perspectiva do manual afim de demonstrar o que se utiliza para descrever/definir o transtorno que é objeto de estudo desta pesquisa, porém, caro leitor, é necessário manter a mente aberta e se dispor a compreender, para além da patologia, o sujeito.

A partir das ideias iniciais descritas acima, formulamos a seguinte questão investigativa: verificar de que modo a ludicidade pode se manifestar como meio facilitador no processo de comunicação de adultos com transtorno esquizofrênico? A partir dessa problematização, elaborou-se o seguinte objetivo geral: Compreender a ludicidade no processo de comunicação do sujeito com esquizofrenia fazendo emergir o olhar para suas potencialidades como indivíduo existencial.

Para responder esse objetivo geral elencamos os seguintes objetivos específicos: a) Traçar uma visão humanizada do indivíduo com esquizofrenia através da perspectiva existencial; b) Apresentar os conceitos de Ludicidade e Comunicação correlacionando ao contexto do indivíduo esquizofrênico como parte do processo interacional, relacional e social;

c) Oportunizar ao psicoterapeuta a compreensão da importância do entendimento de como a ludicidade pode influenciar positivamente do processo de comunicação do indivíduo esquizofrênico.

O interesse pelo tema surgiu a partir das experiências enquanto acadêmicas em psicologia, os estudos de caso durante a nossa formação, em ações e visitas feitas em espaços destinados para acolhimento e tratamento como o Centro de Atenção Psicossocial-CAPS, além disso, a observação realizada durante esses momentos nos levou a perceber que, a partir da política de desinstitucionalização pessoas com transtorno mental estão em todos os lugares e espaços sociais sejam eles escolas, hospitais, igrejas ou centros de reabilitação de usuários de drogas; outro ponto que suscitou nosso interesse foi a relevância e a eficácia positiva que a ludicidade tem como a participação na aprendizagem das crianças e como essas ferramentas se apresentam de maneira satisfatória com as vivências lúdicas.

2 A LUDICIDADE NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO DO SER ADULTO COM TRANSTORNO ESQUIZOFRÊNICO

Esta pesquisa está organizada em três eixos principais: Esquizofrenia, Ludicidade e a comunicação do “Ser” esquizofrênico a partir de uma perspectiva existencial, este último, sendo dividido em dois capítulos. Como tese central, pretende-se discutir sobre a utilização da ludicidade como método facilitador no acesso a comunicação do “Ser” esquizofrênico.

No tópico “2.1: Entendendo a Esquizofrenia”, a esquizofrenia é abordada nos aspectos: como apresentado pelo DSM, familiar, histórico, de diagnóstico etc., que se trata de um transtorno mental caracterizado por alterações nas emoções, no comportamento, na percepção, nas formas de comunicação (linguagem), relações interpessoais, vida escolar, vida profissional etc. (*American Psychiatric Association, 2022*).

No tópico 2.2 “O Ser Esquizofrênico como existencial”, evidencia-se o olhar da perspectiva existencial sobre o ser que é portador de uma psicopatologia, e que para os autores, é de extrema importância entender o sujeito em sua subjetividade e o que o mesmo compreende do próprio adoecimento, e não o colocar apenas como uma engrenagem de um sistema (*OLIVEIRA et al., 2018*).

No tópico “2.3 Conceituando a Ludicidade”, é apresentado os conceitos que envolvem a ludicidade, que se configura como polissêmico e pode ser discutido em vários campos do conhecimento, mas neste trabalho irá ser apresentado onde ele se localiza teoricamente com contribuições de autores de áreas que se correlacionam com a psicologia. Bem como verificar sua influência no campo da comunicação.

No tópico “2.4 O Ser Esquizofrênico e a ludicidade no processo de expressividade.” neste capítulo a ludicidade é consolidada como possibilidade no processo de expressividade do “Ser” esquizofrênico, trazendo como exemplo, *Imagens do Inconsciente- Nise da Silveira*.

O argumento central deste trabalho é a potencialidade que a comunicação lúdica demonstra quando aplicada de forma, aceitando a singularidade do sujeito como “Ser” existencial, ampliando os recursos relacionais e comunicacionais existentes.

O quanto essa compreensão pode revolucionar as práticas interativas com pessoas esquizofrênicas. Esta visão aponta para a necessidade de conhecer e levantar outras possibilidades de atuação, que provoca a articulação e produção de conhecimentos de modo a contribuir com os já existentes, permitindo o estabelecimento de uma outra linguagem para acessar o paciente esquizofrênico.

2.1 ENTENDENDO A ESQUIZOFRENIA

2.1.1 Esquizofrenia no DSM.

A esquizofrenia é um transtorno psicótico, o que significa que é definida pela manifestação de algumas anormalidades comportamentais como: delírios, alucinações, pensamento ou discurso desorganizado, comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal (incluindo catatonia), esses são alguns sintomas que também podem identificar outros transtornos psicóticos e são domínios amplos, cada um com suas especificidades onde abarcam características que torna possível identificar e diferenciar os transtornos, dentro do núcleo das psicoses (*American Psychiatric Association, 2022*).

Para uma melhor compreensão sobre a temática proposta, se torna necessário apresentar brevemente as características sobre cada domínio que caracterizam os transtornos psicóticos.

A primeira mencionada no DSM-5-TR, são os Delírios, que se trata de “crenças fixas, não passíveis de mudança à luz de evidências conflitantes” (*American Psychiatric Association, 2022, p. 208*). O conteúdo que compõe os delírios pode ter uma variedade de temas, como por exemplo: persecutório (Indivíduo acredita que irá ser prejudicado, assediado etc. por outra pessoa ou grupo). Os delírios de referência, é quando o indivíduo acredita que determinados gestos, comentários, fatores ambientais são direcionados a ele. Já os Delírios de grandeza ocorrem quando a pessoa acredita que tem habilidades excepcionais, riqueza ou fama.

De acordo com o DSM-5-TR, diferenciar um delírio de uma ideia defendida firmemente pode ser difícil e depende, em parte, do nível de convicção com que a crença é defendida apesar de evidências contraditórias claras ou razoáveis acerca de sua veracidade, ou seja, devido a convicção com o indivíduo apresenta o discurso, o profissional poderá ter dificuldade de diferenciar o que seria um delírio ou uma ideia (*American Psychiatric Association, 2022*).

Como segundo domínio, temos as alucinações, que podem ser consideradas como “experiências semelhantes à percepção que ocorrem sem um estímulo externo”, tem como características serem vívidas e claras. Tem impacto nas percepções normais do indivíduo e não está sob controle voluntário. Pode ocorrer em qualquer sentido (olfato, paladar, visão, audição e tato), as mais comuns para o transtorno esquizofrênico, são as alucinações auditivas, onde o indivíduo pode ouvir vozes familiares ou não (*American Psychiatric Association, 2022*).

No terceiro domínio mencionado, a desorganização do pensamento é entendida a partir do discurso do indivíduo. Ocorrendo mudanças desconexas no conteúdo que está sendo dito, respostas as perguntas podem não ter sentido, podendo até mesmo elaborarem um discurso totalmente desorganizado e quase incompreensível. Para ser considerado um característica do transtorno o sintoma deve ser suficientemente grave a ponto de prejudicar de forma substancial a comunicação efetiva do sujeito (*American Psychiatric Association, 2022*).

No quarto e último domínio, vemos que o comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal pode se manifestar de várias formas, desde o comportamento “tolo e pueril” até a agitação imprevisível, se torna observável quando a pessoa é afetada a ponto de sentir dificuldades ao realizar atividades do cotidiano (*American Psychiatric Association, 2022*).

Esse domínio também tem as suas características, como por exemplo movimentos estereotipados repetidos, olhar fixo ou resistência a instruções, atividade motora sem objetivos; o comportamento catatônico, onde a atividade comportamental é reduzida ao extremo e o indivíduo não demonstra reações aos estímulos ambientais (*American Psychiatric Association, 2022*). Os domínios e características apresentadas são alguns comportamentos que vem a contribuir para que o transtorno seja identificado e o diagnóstico realizado.

2.1.2 Critérios de Diagnóstico de acordo com o DSM.

“O diagnóstico envolve o reconhecimento de um conjunto de sinais e sintomas associados a um funcionamento profissional ou social prejudicado” (*American Psychiatric Association, 2022, p. 100*). Para o DSM-5-TR, que é a ferramenta oficial utilizada por médicos psiquiatras para realizar os diagnósticos psiquiátricos nos Estados Unidos, é utilizado em grande escala no mundo, ou seja, tem grande autoridade sobre classificação internacional de transtornos mentais da Organização Mundial de Saúde (OMS), o diagnóstico da esquizofrenia é feito diante da avaliação de alguns pontos, dentre eles:

- I) deve estar presente no comportamento do indivíduo dois ou mais dos domínios da psicose explicados anteriormente por determinado tempo;
- II) os sinais de perturbação devem estar presentes no indivíduo por pelo menos 6 meses e dentro desse período deve ter tido por pelo menos um mês algum dos sintomas;
- III) considerando as características que abarcam o aspecto social no momento do diagnóstico, o nível de funcionamento em áreas importantes como trabalho, relações interpessoais ou autocuidado reduz drasticamente ou, em caso de o início se der na

adolescência, o indivíduo com o transtorno esquizofrênico se caracteriza pela incapacidade de atingir o nível esperado de desempenho nessas áreas (*American Psychiatric Association, 2022*).

Para ser definido como um quadro de esquizofrenia, deve ser preenchido por dois, ou mais, sintomas do critério A, dos quais são divididos em positivos e negativos, pelo menos um deve ser positivo como: delírio, alucinação ou discurso desorganizado, recorrência de um período de trinta dias.

Existem outros critérios que se referem a limitações em áreas de funcionamento, a persistência de certos sinais por um período ininterrupto como citado acima, a determinação de um diagnóstico diferencial e a impossibilidade da perturbação esteja associada a efeitos fisiológicos ou outras condições médicas (*American Psychiatric Association, 2022*).

De acordo com Manual Merck de Diagnóstico e Tratamento – MSD, o tratamento de indivíduos esquizofrênicos é realizado principalmente com o uso de medicações e para o tratamento ser o mais eficaz possível esse processo deve ser realizado através de uma equipe multiprofissional habilitada, com a associação de profissionais da área da psiquiatria que irão administrar e monitorar a aplicação dos psicofármacos, e o profissional da área da psicologia que vai executar as ferramentas psicoterapêuticas deve dá ênfase em técnicas em reabilitação cognitiva (TAMMINGA, 2022).

O momento do diagnóstico é extremamente importante e a partir dele outras ações são realizadas, nessa fase e a de adesão ao tratamento ocorre muitas incertezas na família pois é um momento emocionalmente e estruturalmente exigente (SANTOS, 2015).

Segundo Santos (2015), quando a família se dá conta que existe uma alteração de comportamento, pode ser de humor, com agressividade ou de passividade como a depressão e desinteresse em um dos seus membros, este núcleo vê que todo o seu cotidiano vai ser alterado e em quase todas as vezes a relação doença-família acaba trazendo mais os efeitos negativos, separações familiares, reconhecendo toda a sobrecarga emocional gerada com isso.

Devido todo o contexto gerado, os familiares podem muitas vezes optarem pela institucionalização do paciente que recebeu esse diagnóstico, por não conseguirem lidar com a condição do familiar.

2.1.3 Contextualização Histórica da Esquizofrenia.

Foucault, filósofo francês e referência no estudo da loucura, entende a mesma como uma desordem social, assim sendo, o comportamento do louco difere daquele imposto pela sociedade, levando, dessa forma, à sua marginalização e exclusão social. O conceito de

loucura, portanto, tem a ver com a relação entre poder, conhecimento e as formas como esses elementos são usados para controlar o comportamento de uma pessoa no meio em que vive (SILVA *et al.*, 2020).

Relembrando a história, os portadores de transtorno mental eram extremamente marginalizados, sequer considerado cidadãos e como consequência não tinham direitos garantidos nem a autonomia diante das decisões sobre suas próprias vidas eram resguardadas.

Nesse contexto, a sociedade os via como indivíduos muito perigosos e incapazes de conviver socialmente, a partir disso, o tratamento que se direcionava a eles era o cárcere privado compulsório, ou seja, independente de diagnóstico ou não, pessoas em sofrimento mental eram internadas em hospitais psiquiátricos (manicômios ou hospícios) (SILVA; COHN, 2018).

Segundo Silva *et al.*, (2020, p. 382), neste cenário, “O “cuidado” em Saúde Mental se baseava prioritariamente na internação, e o hospital psiquiátrico era a única ferramenta capaz de auxiliar na cura da loucura”.

Visando um melhor cuidado para esses indivíduos, especificamente no Brasil, nasce em 1989, a Reforma Psiquiátrica, que teve como objetivo buscar respeito aos direitos humanos, reformulando todo o “modelo de cuidado” que, como mencionado anteriormente, se resumia em internações para a reinserção social, mediante tratamento ambulatorial (SILVA; COHN, 2018).

E é aqui, que se volta o olhar para o sujeito como “Ser” existente, em rede, e não apenas a patologia. Ainda em desenvolvimento, a Reforma Psiquiátrica se consolidou com a edição da Lei n. 10.216/2001, denominada Lei de Reforma Psiquiátrica (Lei Antimanicomial), que determina a proteção e os direitos de pessoas que são portadoras de transtorno mental, também redefine a forma assistencial em Saúde Mental, e ainda em antagonismo com o modelo manicomial, estabelece fundamentos para atendimento comunitário aos indivíduos em sofrimento mental (SILVA; COHN, 2018).

A partir dessa luta, um novo sistema de atenção psicossocial foi implantado, que se baseia no princípio fundamental de desconstruir o modelo asilar manicomial e resgatar a cidadania. O hospício foi desativado e substituído por uma estrutura de serviços, dispositivos e estratégias baseadas na concepção de território e rede, promovendo o cuidado, o acolhimento e a inclusão (AMARANTE; NUNES, 2015).

Pela primeira vez, falou-se em serviços "substitutivos", com a criação dos Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS), surgiu protótipos de um novo modelo terapêutico e assistencial integrado (residências para egressos do hospital, uma cooperativa de trabalho, um projeto

cultural de rádio, TV e teatro) que visavam contemplar diversas dimensões e demandas da vida como trabalho, lazer, cultura etc., de forma descentralizada (AMARANTE; NUNES, 2018).

Os comportamentos considerados socialmente atípicos conferem ao sujeito uma atuação na sociedade que o vai distinguir da normalidade social, conforme o que é considerado o “normal” como os padrões de conduta, e aqueles que não se encaixam são direcionados a posições de marginalização. Em muitas situações a única opção para os familiares é recorrerem a institucionalização (SANTOS, 2015).

Segundo Foucault (1978, p. 79) “o sentido do internamento se esgota numa obscura finalidade social que permite ao grupo eliminar os elementos que lhes são heterogêneos ou nocivos, há apenas um passo”.

E quando nós voltamos para a perspectiva histórica do sujeito com esquizofrenia são esses espaços de marginalização que o indivíduo esquizofrênico ocupa, excluídos da família, incapazes de “atuar ativamente” como sujeitos na sociedade, ou seja, sua funcionalidade é reduzida (AMORIM *et al.*, 2017). Na vida adulta espera-se que indivíduos sejam úteis, eficientes, produtivos e lucrativos, essa fase é caracterizada por um conjunto de responsabilidades que devem ser assumidas desempenhadas na sociedade, isso inclui o trabalho, os deveres familiares, o pagamento de contas e outras obrigações (SOUZA, 2019).

A vida adulta também é caracterizada pelo desenvolvimento de relacionamentos mais maduros e pelo estabelecimento de uma família (AMORIM *et al.*, 2017). E com todas essas definições e metas a serem cumpridas e construídas, o portador de transtorno mental acaba por ser excluído, não suprimindo as necessidades desses padrões de funcionalidade.

2.1.4 Da Institucionalização para o Atravessamento da Terapia Familiar.

Segundo o artigo de Rabêlo *et al.* (2018), é importante destacar que o modelo psicossocial não determina uma linha metodológica específica, mas sim, promove a contribuição de ambiente onde ocorra o trabalho multidisciplinar, com pluralidade e repleto de contribuições de diversas áreas. Tendo como prioridade “o respeito à singularidade e à cidadania, assim como a viabilização de formas de tratamento mais humanizadas que substituam o modelo asilar no contexto de um dado território de atuação” (RABÊLO *et al.*, 2018, p. 231).

E com essa perspectiva, também se abre espaço para discutir o papel da família nesse contexto do indivíduo com adoecimento mental, não podendo dissociar ambas as figuras que fazem parte desse contexto. Segundo Vogel (2011) em seu artigo sobre terapia familiar

sistêmica menciona a pesquisa sobre o fenômeno interpessoal de comunicação e obtendo grandes contribuições para o estudo da esquizofrenia.

No início desse estudo, priorizou-se as famílias com pacientes esquizofrênicos e delinquentes que não obtinham benefícios dos tratamentos convencionais da época, a partir daí, os pesquisadores se dividiram entre ambos os aspectos, e uma das equipes começou a pesquisa sobre o discurso (aparentemente) sem sentido dos esquizofrênicos. E com as reflexões teóricas e observações de como os pacientes e seus familiares se comunicavam, deram origem a teoria do “duplo vínculo”, que, por sua vez, é considerada um marco importante no início da Terapia de Família (VOGEL, 2011).

E foi com essa teoria, de acordo com Vogel (2011, p. 120) que, “pela primeira vez foi proposta uma explicação da esquizofrenia relacionada ao fenômeno interpessoal, como um problema de comunicação surgido no interior do sistema familiar”. Considerando essa perspectiva, é possível perceber o “Ser” portador da esquizofrenia como parte do processo comunicacional familiar e que a comunicação tem considerável relevância na dinâmica de relações entre os indivíduos.

2.2 O Ser Esquizofrênico como Existencial.

Uma das concepções teóricas que podemos mencionar para uma compreensão do “Ser” Esquizofrênico, é a do Psiquiatra Medard Boss que desenvolveu uma abordagem de psicoterapia conhecida como Daseinsanalyse. Para este autor, as psicopatologias podem ser entendidas como formas distintas do “Ser” humano realizar o seu próprio existir e que para o psicoterapeuta entender essas formas, é necessário focar na compreensão da vivência do paciente e considerar o que é específico do existir humano (RODRIGUES, 2011).

Segundo o artigo de Rodrigues (2011), para Boss, é fundamental compreender o ser humano em sua singularidade, e não como algo igual a um objeto da natureza ou a uma máquina. Ele critica a visão cartesiana que busca atribuir causas a todos os fenômenos e questiona se esse princípio de causalidade é adequado para compreender a existência humana.

Na perspectiva fenomenológica existencial, propõe-se a concepção de um homem livre, onde o “Ser” é consciente de suas escolhas e responsável pelas consequências destas, dessa forma, cuidando de sua própria existência. Com essa visão, compreende-se um indivíduo com esquizofrenia, mas visto como um “Ser” que se constrói em um mundo, a partir de sua singularidade e de sua relação com o outro (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 62).

Dentro de sua visão existencial, Sartre (1978 apud OLIVEIRA, 2018, p.69) elucida que a perspectiva de atuação da psicologia é por meio de um conceito histórico-dialético, em que o indivíduo só pode ser concebido a partir de sua história individual, contexto social e cultural.

Assim, o indivíduo seria afetado por tais fatores, o que faz com que seja possível uma mudança de acordo com os acontecimentos vivenciados, sendo conseqüentemente influenciado em sua personalidade e sua individualidade, fazendo com que tal fato seja de suma importância em um processo de intervenção hábil que ocorre no processo terapêutico (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 69).

Oliveira *et al.* (2018), esclarece que a esquizofrenia na visão existencial, representa a relação que o sujeito tem com o mundo em que se insere, ou seja, o homem se constitui em relação com o mundo, pois sujeito e mundo evocam-se mutuamente. E em constante contato com o seu meio externo, se modifica, se aprimora a todo tempo em seu vir a ser, e sair deste pensamento é perder características únicas do ser humano.

2.3 CONCEITUANDO A LUDICIDADE

2.3.1 O que é o lúdico?

A nível de concepção a Ludicidade se conceitua como uma condição do ser humano que se manifesta diversamente nas experiências do brincar, jogar, recrear e em momentos de lazer. Sua essência reside principalmente nos processos dinâmicos inter-relacionais e interativos protagonizados pelos seres humanos, nos quais eles atribuem um significado singular aos seus comportamentos lúdicos (LOPES, 2014).

Em outras palavras, é mais importante focar nos processos em si, na forma como as pessoas interagem e se relacionam durante atividades lúdicas, do que nos resultados dessas atividades. A ludicidade está relacionada à experiência de se engajar em atividades lúdicas, explorando a criatividade, a imaginação, a expressão pessoal e a interação social, em vez de simplesmente se concentrar nos resultados ou nos efeitos tangíveis dessas atividades (LOPES, 2014).

Lopes e Teixeira (2005) propõe que para que se venha alcançar um determinado entendimento do que é a Ludicidade, ela deve ser estudada em sua tripla dimensão de análise, que seria: dimensão de condição do ser do Humano, na dimensão das suas manifestações e na dimensão dos seus efeitos.

Segundo o artigo de Lopes (2014):

“A ludicidade quando se manifesta evidencia a capacidade transformadora de cada pessoa que, individualmente ou em coprodução de auto experiência, ensaia competências adquiridas, e mais tarde, as aplica e generaliza em contextos de não ludicidade. Brincando, jogando, recreando, festejando, aprende-se a aprender e aprende-se a aprender como se aprendeu” (BATESON, 1977 apud LOPES, 2014, p. 30).

De forma geral, ludicidade e atividades lúdicas são conceitos que podem ser confundidos, segundo Leal e Avila (2013) ludicidade é o fenômeno, que pode ser observado subjetivamente, a partir da realidade interna do indivíduo e as atividades lúdicas são o ato social, a ação como produto da cultura, realizado por um ou por muitos indivíduos.

Ambos os termos se referem a aspectos diferentes, Ludicidade está relacionada ao fenômeno subjacente, que pode ser observado subjetivamente através da experiência interna de um indivíduo, o que podemos conectar com a visão existencial anteriormente mencionada, enquanto atividades lúdicas referem-se ao ato social de engajar-se em atividades de natureza lúdica, que são influenciadas pela cultura e podem ser realizadas por um ou vários indivíduos (LEAL; AVILA, 2013).

Leal e Avila (2013) abordam a perspectiva de Luckesi, que conceitua a atividade lúdica como aquela que propicia à pessoa que a vivência, tendo a experiência de obter uma sensação de liberdade, entrando em estado de plenitude e de entrega total para essa vivência. “O que a ludicidade traz de novo é o fato de que o “Ser” humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena” (LUCKESI, 2006, p. 2 apud LEAL; AVILA, 2013, p. 43).

Em síntese, a ludicidade, quando fenômeno da condição humana, está presente em cada indivíduo e em qualquer cultura, sendo inerente ao indivíduo; apresenta-se de diversas formas e os efeitos são potencializadores de intercompreensão (LOPES, 2014).

2.3.2 Elaboração da Ludicidade no Adulto e Aspectos Orgânicos.

Mesmo situada no campo de atividades lúdicas que também configura o brincar, jogos e lazer, comumente utilizada no campo infantil. No estudo do indivíduo adulto, a ludicidade se revela como um item importante a ser considerado, pois a mesma manifesta-se na experiência do cotidiano dos indivíduos, e o conceito aqui estudado se contrapõe a clássica oposição trabalho X divertimento; como dito anteriormente, a ludicidade é uma condição essencial do humano (LOPES, 2014).

É importante destacar os benefícios das atividades lúdicas, como essenciais para o exercício pleno de uma vida saudável sendo conhecido os seus benefícios para o indivíduo quando criança: contribui para o desenvolvimento físico, psicológico e emocional (SOUZA, 2019). Mas os adultos também obtêm benefícios, Winnicott descreve as atividades lúdicas como “Brincar” e diz que:

“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o (eu) self” (WINNICOTT 1975, p.50).

Souza (2019) ressalta a importância do brincar na vida adulta em destaque nos contextos de pessoas com transtornos mentais, afinal, dessa forma adquirimos inúmeros resultados positivos para o corpo e para a mente, a autora reforça que o brincar e o jogar podem ser utilizados como recurso terapêutico, para a estimulação dos hormônios como: a dopamina, endorfina, serotonina e oxitocina, com o intuito de gerar qualidade de vida.

O artigo apresenta evidências do valor terapêutico da oxitocina em tratamentos para autismo e esquizofrenia, na construção dos laços sociais, diminuição do estresse, estimulação psicomotricidade, aumento da qualidade do sono e do descanso. Apresentando como resultados o aumento da criatividade, produtividade, dentre outros benefícios que podem e são utilizados como instrumentos de auxílio nos processos de enfrentamento em casos de transtornos mentais (SOUZA, 2019).

2.3.3 Correlacionando Ludicidade e Comunicação.

É necessário realizar uma aproximação dos conceitos de ludicidade e comunicação, considera-se que a ludicidade tal como a comunicação é um fenômeno de natureza consequencial à espécie humana, que indica uma qualidade e um estado que são partilhados por todos os humanos (LOPES, 2014).

A conexão entre comunicação e ludicidade evidencia-se pelo reconhecimento de que ambas são consequenciais/existenciais para o ser humano, significa que a comunicação e a ludicidade são intrinsecamente ligados, influenciando-se mutuamente. Através da comunicação, as pessoas podem compartilhar experiências lúdicas, estabelecer regras e acordos, além de expressar emoções e sentimentos durante as interações lúdicas, da mesma forma, a ludicidade enriquece e facilita a comunicação (LOPES, 2014).

Conforme explicitado por Lopes (2014), a interseção entre comunicação e ludicidade amplia a identidade estabelecida entre ambas, permitindo distinguir as várias formas de manifestação da ludicidade, à vista disso a ludicidade produz um processo de comunicação que resulta em uma variedade de efeitos nos seus protagonistas, bem como sua aplicação em diferentes objetos de estudo e contextos.

Por fim, é no contexto comunicacional que surge a ludicidade, e a condição humana adiciona a ela um sentido polissêmico e multidimensional, reconhecendo sua natureza valorativa e até mesmo geradora, na qual o ser humano se envolve e desfruta plenamente de sua existência ontológica e visão de mundo (LOPES; TEIXEIRA, 2005).

2.4 O Ser Esquizofrênico e a Ludicidade no Processo de Expressividade.

No texto de Moraes (2018), o autor expõe que a loucura e a criatividade podem estar em paralelo para possíveis entendimentos, mas que a arte é um vasto ambiente para este estudo, já que, ao longo da história, muito se falou sobre a proximidade da loucura e da criatividade, bem como as tentativas de traçar paralelos para um possível entendimento das narrativas contidas em determinadas obras.

“A imaginação criativa está diretamente ligada aos poderes de desenvolvimento de múltiplas e simultâneas realidades inerentes ao ser humano” (MORAIS, 2018, p. 6) (seja ele portador de esquizofrenia ou não).

Durante a história da humanidade a possível ligação entre loucura e criatividade tem sido uma fonte persistente de curiosidade, como coloca Rezende e Argimon (2011, p. 2) partir do XIX, que a dita loucura passou a receber *status*, estrutura e significação psicológicos, tornando possíveis estudos mais sistematizados para verificar se realmente a criatividade artística demanda algum grau de distúrbio psíquico, como consequência ocorreu uma maior tendência a associar a criatividade no campo artístico com os transtornos psicopatológicos definidos de modo mais preciso.

Daí passa a existir uma crescente inclinação para relacionar a criatividade no âmbito artístico com transtornos psicopatológicos mais precisamente definidos. Argumentava-se que a intensa carga mental produtiva gerada por esses indivíduos, integrada com vivências demasiadamente dolorosas, resultava em um declínio psicológico lento, irreversível e progressivo (REZENDE; ARGIMON, 2011).

A fenomenologia garante que um signo pode ter infinitas possibilidades de recepção na cognição de diferentes pessoas. Então, faz-se notório o fato de que uma obra desenvolvida

por um esquizofrênico apenas terá seu entendimento narrativo desvendado a partir de suas próprias qualidades sígnicas, ou seja, qualquer interpretação feita sobre uma narrativa se dá a partir de uma experiência e percepção alheias ao autor e à obra, inclusive a do “Ser” esquizofrênico (REZENDE; ARGIMON, 2011).

Na literatura científica atual, existe um conjunto de evidências que sustenta a ideia de uma possível associação entre a esquizofrenia, e a criatividade artística. O artigo de Rezende e Argimon (2011) conclui que diversos estudos apontam que há semelhanças nos processos psíquicos entre pacientes com esquizofrenia, e pessoas altamente criativas, como pintores, músicos, escritores e escultores. Porém, ressalta que, de maneira geral, reconhece que os processos psíquicos de uma personalidade patologicamente estruturada podem ser distintos dos processos psíquicos de uma personalidade somente artisticamente criativa.

E para além dos conceitos abordados e focalizando no transtorno aqui estudado é importante ressaltar que diante dos conceitos de realidade, pode-se entender que o portador de esquizofrenia não está limitado apenas à recepção passiva e à retenção de dados dos sentidos; sua percepção se atenta, acima de tudo, às qualidades perceptuais mínimas (REZENDE; ARGIMON, 2011).

Como marco histórico de expressividade subjetiva do esquizofrênico, temos a contribuição de Nise da Silveira através do seu principal trabalho, o Museu do Inconsciente que é conhecido como núcleo de pesquisa da esquizofrenia, que utilizou da expressão plástica como meio de acesso à interioridade dos esquizofrênicos e levou ao conhecimento do grande público as obras de seus pacientes, foi de extrema importância para a evolução do pensamento acerca do esquizofrênico, pois demonstrou a necessidade de um olhar mais humanizado para esses indivíduos (FRAYZE; PEREIRA, 2003).

Segundo o texto de Frayze e Pereira (2003, p. 202) que se propõe analisar a contribuição de Nise da Silveira, “as obras produzidas no Museu e que aí permanecem conservadas valem por sua significação expressiva e terapêutica”, ou seja, à medida que apresentam ao pesquisador uma forma de acesso ao mundo interno dos esquizofrênicos, assim como, ao paciente, um instrumento de transformação da realidade interna e externa.

A comunicação como expressividade, se faz necessária nos casos graves de esquizofrenia quando diante da comoção profunda da vida psíquica só as imagens pintadas permitem que se vislumbre como o indivíduo está vivenciando o espaço naquele exato momento, Silveira (2015, p. 19) descreve que é como a “expressão plástica vai tornar visível o fenômeno psicológico através de imagens do ateliê de pintura”.

“Agora esse mesmo homem, de comunicabilidade tão difícil, representa-se no amontoado promíscuo, diante de grades, com muitos outros indivíduos nas mais diversas condições de desordem interna” (SILVERA, 2015, p.18).

Figura 1- Emygdio de Barros _ Imagens do Inconsciente.



Fonte: SILVEIRA, 2015.

Neste ponto, convém incluir as contribuições expostas neste trabalho, pois a autora coloca que a “abstração tem tendencia instintiva ao lúdico” (SILVEIRA, 2015 p. 15), o que neste campo irá se tratar de uma abertura para a compreensão da ludicidade do “Ser” esquizofrênico que realiza o processo de expressão da ludicidade na construção através “expressão plástica”.

O importante é que cada “Ser”, se propõe humano a partir de suas próprias experiências, vivências e significações, sendo que a potencialidade imaginativa vindo das percepções pessoais e subjetiva é particular e individual de cada sujeito, portador de transtorno ou não. A inclusão de pessoas com doença mental nos meios sociais, educacionais e de cuidados é um processo que envolve ações que possam atender a diversas formas de atividades que envolvam a interação entre pessoas que tem transtornos psicológicos e os outros indivíduos que não têm transtornos (SILVA *et al.*, 2019).

3 METODOLOGIA

É essencial para a existência de uma pesquisa, que o pesquisador se dedique a fazer uma revisão de literatura, pois é a partir desta que se obtém o embasamento teórico necessário, bem como todo o conhecimento de como este trabalho irá se estruturado e noção de qual metodologia melhor de aplica para a elaboração da pesquisa (SOUZA *et al.*, 2010).

O atual estudo se trata de uma revisão integrativa de literatura em que os resultados foram percorridos de forma qualitativa através do levantamento bibliográfico, com a revisão integrativa da literatura, tivemos o intento de reunir e sintetizar, de maneira organizada, resultados de pesquisas sobre um tema ou questão, a fim de contribuir para o que o tema investigado seja aprofundado (MENDES *et al.*, 2008, p. 2).

O método de revisão integrativa permite a combinação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados a definição de conceitos identificação de lacunas das áreas de estudos revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado tópico (MENDES *et al.*, 2008, p. 2).

Para isso realizamos o mapeamento dos artigos através de um levantamento exploratório em periódicos e revistas online como: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), portal de periódicos da CAPES, PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), PubMed, DeCS- Descritores em Ciências da Saúde; bem como análise de referências bibliográficos de trabalhos elaborados (teses, monografias e artigos) que possuíam os mesmos constructos abordados nessa pesquisa, os descritores utilizados na delimitação da pesquisa, foram: Ludicidade, Esquizofrenia, Esquizofrenia e Comunicação, Comunicação e Ludicidade, Esquizofrenia e fenomenológico-existencial.

Como critério de inclusão, foram incluídos trabalhos identificados com os mesmos descritores que compõe o tema dessa pesquisa que fazem ligação com a área de ciências Humanas, e como critério de exclusão, foram excluídos trabalhos que não direcionavam a pesquisa para o campo de análise proposto nessa pesquisa. Foi realizado uma leitura sistematizada de resumos e sumários das obras afim de selecionar quais seriam utilizadas nesse trabalho, excluído pesquisas que não foram identificadas como relevantes;

Nas principais plataformas utilizadas nesse trabalho que são: Google Acadêmico e PePSIC, na primeira mencionada foram encontrados 42.400 resultados publicados no período de 2013-2023 para o constructo “Esquizofrenia”, e na segunda plataforma, 80 publicações; mas correlacionando aos outros constructos temos 1.210 de resultados para “Esquizofrenia e Ludicidade” no Google Acadêmico e analisando esses resultados de forma superficial, nota-se

que as repostas para “Ludicidade”, em sua maioria direciona para publicações realizadas na área da Psicopedagogia e atendimento infantil, nesse aspecto, percebemos na nossa revisão, que as pesquisas não fazem conexões entre Esquizofrenia e Ludicidade.

Para os constructos de “Esquizofrenia e Comunicação”, foram encontradas 14.600 respostas; e para “Esquizofrenia e fenomenologia-existencial” foram encontradas 307 respostas, daí observa-se um campo em potencial para o desenvolvimento de pesquisas acerca do Sujeito Esquizofrênico a luz da perspectiva de autores desse campo, que se engajam em humanizar essa figura;

Como resultado de uma análise mais aprofundada, que foi possibilitada através de uma tabela construída com os artigos, nos aspectos metodológicos dos trabalhos utilizados que foram publicados nos últimos dez (10) anos, no período de 2013-2023, todos tiveram como metodologia a abordagem qualitativa e apresentam como instrumenta de coleta de informações levantamentos bibliográficos e tendo como origem dos dados fontes primarias e secundarias.

Em análise dos referenciais teóricos autores como Bateson e Lopes, permearam todos os artigos, que as plataformas deram como resultados das pesquisas, que correlacionaram os conceitos de Comunicação e Ludicidade, bem como foram utilizados como referencial em teses que abordam esses constructos como por exemplo, a tese de Rafaela Guimarães: “formação lúdica, para quê? As concepções de ludicidade de professoras e o processo de construção da docência”, publicada em 2021. Bateson por suas contribuições acerca da comunicação e Lopes que desenvolveu toda a sua tese e se dedicou a conceitualizar e destrinchar a ludicidade bem como a própria comunicação, quando em paralelo a ludicidade, na área principal de Educação, cultura e sociedade

Das perspectivas epistemológicas apenas 1 artigo teve a perspectiva identificada como positivista/neopositivista: “Perspectivas Conceituais e Instrumentos para Avaliação de Funcionalidade em Pacientes com Esquizofrenia, 2017” pois teve como objetivo caracterizar perspectivas conceituais acerca da funcionalidade e os instrumentos disponíveis para avaliar esse fenômeno em indivíduos com esquizofrenia, onde realizaram uma análise quanti/quali dos dados.

3.1 Resultados do Levantamento Bibliográfico.

Como resultados da Sistematização de artigos publicados nos últimos 10 anos, apresentaremos brevemente 10 artigos foram incluídos no referencial teórico desse Trabalho:

I) “A ludicidade como princípio formativo” publicado no ano de 2013 de Luiz Antonio Batista Leal^I e Cristina Maria d’Ávila^{II}, apresenta como constructo central: Ludicidade. Atividades lúdicas. Educação. Prática pedagógica está no sentido se apresentando enquanto princípio formativo, demonstrando a ludicidade como uma força motriz que mobiliza primeiramente o docente, elevando seu estado de espírito para um sentimento de proatividade, de alegria interna e o impulsiona a ações desencadeadoras de aprendizagens.

II) “Design de ludicidade” de Conceição Lopes, publicado em 2014, no periódico da revista *Entreideias* da área educação, cultura e sociedade, realiza e analisa o desenvolvimento da conceitualização do design de ludicidade que se apresenta informada pela conexão teórica estabelecida entre a pragmática da comunicação e a pragmática da ludicidade. Apresentando os diversos aspectos que englobam esse conceito, sem limitá-lo, envolvendo, a permanência, nas dimensões: desejo, desígnio, desenho, onde condiciona o significado da experiência, que se orienta para o fim a atingir. O conceito proposto baseia-se na ligação teórica estabelecida entre a comunicação prática, que por um lado, estimula e facilita a compreensão da sua expressão e impacto na pessoa e na sociedade e por outro, constitui a base de métodos de intervenção e de investigação.

III) “Esquizofrenia e o Cuidado à Família em uma Abordagem de Terapia Sistêmica” de Geny Santos de 2015 “com construto: esquizofrenia; família, terapia sistêmica familiar. Apresenta em sua obra, teorias a respeito do adoecimento mental com relações ainda estigmatizadas que se arrastam durante séculos. Não apenas o sujeito com transtorno mental, como também sua família, provam dos conflitos e tensões gerados pelo curso da doença, tendo na maior parte das vezes a desinformação e a falta de suporte que possam amenizar as dificuldades resultantes de uma dinâmica tão complexa, a fim de evidenciar a família do sujeito como cuidadora de um membro com esquizofrenia, mas também, como evidenciando o organismo que necessita de cuidados, que vai desde as informações necessárias sobre a doença até a oferta de um espaço onde possam construir novos sentidos para relação familiar depois do diagnóstico.

IV) “Perspectivas Conceituais e Instrumentos para Avaliação de Funcionalidade em Pacientes com Esquizofrenia” de Luciana Amorim, Luciano Franzim Neto, Aline Battisti Archer, Juliana Frainer, Roberto Moraes Cruz, publicado em 2017. Exposto no periódico de *Avaliação Psicológica* com construtos: avaliação psicológica; esquizofrenia; funcionalidade; instrumentos de medida. os autores destacam o assunto com objetivo de caracterizar as perspectivas conceituais acerca da funcionalidade e os instrumentos disponíveis para avaliar

esse fenômeno em indivíduos com esquizofrenia, com base nas evidências empíricas identificadas no estado da arte e nas perspectivas teóricas de investigação.

V) “O Ser e a Esquizofrenia: entre conceitos e cuidados em uma nuance fenomenológico existencial” do ano de 2018, elaborado por Elaine Cristina Alves de Oliveira, Michael Felipe Marques e Juliana Albertina Klein, publicado no periódico Akrópolis, apresenta como objetivo lançar um olhar existencial para a pessoa com esquizofrenia, compreendendo que para além de um diagnóstico biomédico, existe um indivíduo repleto de vivências ampliando a visão de homem enquanto “Ser” de possibilidades;

VI) “Esquizofrenia, clínica e saúde mental na psicologia sócio-histórica e na psicanálise” publicado no ano de 2018 por Fabiano Chagas Rabêlo, Reginaldo Rodrigues Dias, Gustavo de Oliveira Carvalho, Karla Patrícia Holanda Martins, no periódico de Psicologia clínica, com construto: esquizofrenia; clínica; abordagem sócio-histórica; psicanálise; atenção psicossocial. Refere-se a partir da leitura de Vygotsky e seus comentadores, discutem-se as proximidades e distanciamentos entre a psicologia sócio-histórica e a psicanálise no que tange à clínica da esquizofrenia questionando-se a materialização dessas ideias nas práticas dos psicólogos nas políticas de saúde mental.

VII) O artigo aqui relacionado ao tema “Imaginação Criativa: um estudo semiótico sobre o ato criativo de esquizofrênicos com ano de 2018 apresenta a importância por Rodrigo Morais, da atenção elucidar que o portador de esquizofrenia não está limitado apenas à recepção de um sujeito passivo e à retenção de dados dos sentidos mas demonstrar que esquizofrênicos não se baseiam simplesmente em um imaginário espontâneo a partir dos sentidos, eles possuem um poder de imaginação que se torna agente primordial da percepção humana quando traçam narrativas manifestando assim vantagens criativas devido suas características de percepções tanto cognitivas quanto de personalidade.

VIII) Contudo a ideia desse artigo com tema:” A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios” publicado em 2018 no periódico Ciência & Saúde Coletiva por Paulo Amarante e Mônica de Oliveira Nunes, com construto: Saúde mental; Movimento antimanicomial; Reforma psiquiátrica; Participação social; Reabilitação psicossocial, busca refletir sobre este processo da reforma psiquiátrica em várias dimensões que, embora simultâneas e relacionadas entre si, têm como objetivo ressaltar e analisar os vários dispositivos e estratégias que foram adotados. O texto discorre o percurso histórico e epistemológico da construção das políticas públicas de saúde mental e atenção psicossocial a partir do SUS.

IX) “Por trás da máscara da loucura”: cenários e desafios da assistência à pessoa com esquizofrenia no âmbito da Atenção Básica” de 2019, publicado na Revista de Psicologia, por Ailton Pereira da Silva, Ellany Gurgel Cosme do Nascimento, João Mário Pessoa Júnior e Juce Ally Lopes de Melo, destaca-se uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, que através da análise dos cenários de desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na assistência às pessoas com esquizofrenia na Atenção Básica, comprovou que a assistência prestada às pessoas com esquizofrenia não consegue identificar e atender suas reais necessidades e que as propostas de políticas públicas de saúde mental estão muito distantes do que é real e as ações na atenção básica se limitam à prescrição de medicamentos e ao encaminhamento para o serviço de referência tipo assistência, o que contraria o princípio da integralidade da atenção.

X) Por fim temos o artigo com tema: “Ludicidade Do Adulto: Como recursos lúdicos podem ser utilizados para o auxílio nos processos de enfrentamento em casos de transtorno de ansiedade e depressão”. Também de 2019 elaborado por Nubia Rodrigues de Souza, publicado no periódico Psicologia.pt, com construto: Adulto, ludicidade, lúdico, qualidade de vida, saúde mental, brincar, jogar, ansiedade, depressão. Apresenta com originalidade a importância de explicar a ludicidade do adulto como na sociedade brasileira, enfrenta crises financeiras o que ocasiona consequentemente o aumento do desemprego, fator que pode ter influência direta no aumento na incidência de ansiedade e depressão.

A percepção, oriundas da proposta de avaliar como o elemento ludicidade e comunicação do indivíduo com distúrbios do espectro da esquizofrenia como esse elemento os influenciam, para nos aprofundarmos sobre o tema, fica evidente nos constructos dos artigos, a relação deles com o tema e nossa busca em diversas áreas.

Buscamos fornecer uma visão atualizada sobre o tema, reunindo estudos relevantes e contrastando suas opiniões. No entanto, é importante ressaltar que a compreensão completa e definitiva dessa relação requer uma análise mais ampla, considerando múltiplos estudos e perspectivas.

3.2 Análise e Discussão de Resultados.

Para objetivos metodológicos, de todo o referencial teórico utilizado faz-se necessário descrever de forma um pouco mais aprofundada alguns dos estudos. Para responder os objetivos elencados na introdução, foram utilizados os seguintes artigos que foram apresentados, analisados e que serão descritos a seguir:

O primeiro deles “A Ludicidade como Princípio Formativo” os autores se propõem a compilar interpretações de diversos autores tem sobre a ludicidade, que como o próprio autor diz: “O conceito de ludicidade é polissêmico”, utilizam como referencial teórico os autores como Winnicott (1975), Luckesi (2006), Brougère (1998), assim como mencionam Freud e Vygotsky. O artigo descreve a visão de Winnicot, Brougère Luckesi respectivamente, sobre a Ludicidade, Jogo e Subjetividade Humana. Este trabalho faz a definição dos conceitos Ludicidade e Atividades Lúdicas, onde propõe que Ludicidade sobre interpretada como um fenômeno ligada a interpretação pessoal do indivíduo e as Atividades Lúdicas são os atos sociais e observáveis.

A contribuição essencial desse artigo para essa pesquisa foi por interpretar o que tais autores abordaram em seus trabalhos bem como na consolidação de como o brincar e a ludicidade são individuais e subjetivos do indivíduo. Uma visão que converge com o aspecto fenomenológico desta pesquisa.

O segundo artigo aqui apresentado: “Design de ludicidade” da autora Conceição Lopes, faz uma ampliação do conceito de Ludicidade abordando diversos ângulos desse constructo, traz como crítica social, onde o efeito da Ludicidade é potencializadora de intercompreensão, mas não é colocada como valor humano, a autora coloca que na sociedade contemporânea a Ludicidade faz parte de uma cultura extremamente mercantilista e é utilizada apenas para o “prazer do consumo lúdico” através de artefatos lúdicos como jogos e brinquedos.

A autora apresenta o conceito dentro de variados campos teóricos, como a comunicação. E faz uma análise semântica da palavra, apresentando os eixos identificados. “No design de ludicidade experiencia-se diferentes emoções e cognições. A ludicidade é entusiasta, a estimulação é excitante, o desafio a vencer dinamiza sinergias”. Autora destaca que diante do encontro entre os indivíduos, se desenvolve a experiencia coletiva e cada pessoa marca, subjetivamente, o território existencial.

Desse modo são reveladas as funções e influências geradas pelo modo de pensar, interagir e dinamizar os contextos situacionais do design lúdico. Além disso, é possível observar e identificar os efeitos potenciais ocorridos nos domínios físico, cognitivo, crenças, atitudes, afetos e comportamentos. A habilidade de cada indivíduo em dialogar consigo mesmo e influenciar a própria pessoa, assim como quando interage com os outros, é evidenciada nas manifestações da ludicidade, onde a metacomunicação alcança níveis exponenciais.

O terceiro artigo: “Esquizofrenia e o Cuidado à Família em uma Abordagem de Terapia Sistêmica” de Geny Santos, aborda a perspectiva familiar do indivíduo ao receber o diagnostico, busca evidenciar a família como cuidadora de um membro com esse transtorno, e

também como um sistema que precisa de cuidados, como por exemplo: ter informações necessárias sobre o transtorno, e até mesmo terem um local onde seja possível construir novos sentidos para relação familiar depois do diagnóstico, bem como se sentirem acolhidos na função de cuidador.

E para isso, a autora utiliza a Terapia Familiar Sistêmica como proposta de via fundamental para essas demandas. O trabalho busca apresentar detalhes do que se passa com o cuidador, que tem toda a sua rotina ser alterada, há possibilidades de pais se sentirem responsáveis pelo adoecimento dos filhos, incertezas acerca do tratamento etc. Para a temática, este artigo se apresenta de forma bem completa, apresenta os aspectos históricos da luta antimanicomial, com uma linguagem bem simples e de fácil compreensão.

O quarto artigo apresentado, “Perspectivas Conceituais e Instrumentos para Avaliação de Funcionalidade em Pacientes com Esquizofrenia” dos autores Luciana Amorim, Luciano Franzim Neto, Aline Battisti Archer, Juliana Frainer, Roberto Moraes Cruz faz uma análise quanti/quali de artigos que avaliam a funcionalidade do esquizofrênico, apresentando os resultados das perspectivas conceituais de diferentes autores como Granholm *et al.* (2009), Bowie *et al.* (2006), Brekke *et al.* (2005), Gladsjo *et al.* (2004), Green *et al.* (2000), Harvey e Bellack (2009), Harvey (2014), Campellone, Sanchez e Kring (2016), onde cada um desses resultados demonstrou uma perspectiva teórica de funcionalidade em pacientes adultos com esquizofrenia explícita ou enfatiza um aspecto do fenômeno funcionalidade.

Os estudos realizados revelaram que há aspectos intrínsecos aos indivíduos, como sintomas negativos e a neuro cognição ou a cognição social (sendo esta última um dos seus atributos), que atuam como variáveis preditoras da funcionalidade em casos de esquizofrenia. O estudo conclui que é possível observar que estudiosos da área evidenciam tanto aspectos comuns, como diferentes em relação ao que caracteriza a funcionalidade de pacientes com esquizofrenia, e que os instrumentos que medem construtos, possuem graus de abrangência variados em relação ao construto Funcionalidade.

O quinto artigo: “O Ser E A Esquizofrenia: Entre Conceitos E Cuidados Em Uma Nuance Fenomenológico Existencial” dos autores Elaine Cristina Alves de Oliveira, Eloisa Fernanda Feltrin, Michael Felipe Marques, Juliana Albertina Klein, objetiva lançar um olhar existencial para o sujeito com esquizofrenia. Entende-se aqui que há um indivíduo com esquizofrenia, mas visto como um “Ser” que se constrói em um mundo, a partir de sua singularidade e de sua relação com o outro.

Para os autores, o homem é existente no mundo e é formado pelas múltiplas subjetividades que nele vivem. No encontro com o outro, não me basta apenas o que penso

sobre o outro, mas o que o outro pensa sobre mim, pois sou visto por ele. O trabalho também destaca que é importante considerar o contexto familiar, social e econômico no qual o indivíduo está inserido, devido às alterações e limitações que a condição patológica da esquizofrenia traz para sua vida. Essas mudanças psíquicas afetam diretamente sua vida social e afetiva, podendo causar sofrimento também para a família do indivíduo com esquizofrenia. No entanto, é crucial compreender todo esse processo como algo subjetivo, social e cultural, que vai além da perspectiva puramente psiquiátrica.

Nas conclusões é mencionado o aspecto familiar que compõe esse cenário, que deve ser considerado integralmente pelos profissionais de Saúde Mental pois é um ponto extremamente importante para a obtenção de resultados positivos no tratamento da esquizofrenia.

O sexto artigo, “Esquizofrenia, clínica e saúde mental na psicologia sócio-histórica e na psicanálise” e tem como autores Fabiano Chagas Rabêlo, Reginaldo Rodrigues Dias, Gustavo de Oliveira Carvalho e Karla Patrícia Holanda Martins, se propõe uma discussão da esquizofrenia e clínica a partir das visões da psicologia sócio-histórica e da psicanálise, onde a primeira mencionada busca compreender o indivíduo a partir dos aspectos cognitivos e da consciência, bem como determinada ênfase nos aspectos macro da psicogênese, o que provoca à valorização de intervenções que têm por objetivo imediato a promoção da cidadania, a consolidação da rede de cuidados e a mudança de cultura sobre a doença mental.

Tendo como principal autor de referencial teórico Vygotsky (1931/1997) que afirma uma visão onde o diagnóstico da esquizofrenia seja visto a partir de um olhar psicológico e não médico, já que a unidade nosológica do transtorno se fundamenta na descrição e agrupamento de alterações patológicas da personalidade e da visão de mundo.

Enquanto para a Psicanálise se dá ênfase aos conteúdos inconscientes e na sexualidade, aqui as metas anteriormente, se fazem presente, entretanto é variada pela consideração das especificidades dos laços sociais de cada sujeito; a fim da discussão relatam que é necessário realizar uma diferenciação no que se refere a linguagem, enquanto na psicologia sócio-histórica a linguagem é considerada principalmente a partir de sua unidade de signo/significado, na psicanálise, ela é tomada na sua dimensão significante e real, a partir de sua relação com o pulsional;

No sétimo “Imaginação Criativa: um estudo semiótico sobre o ato criativo de esquizofrênicos”, os autores Ailton Pereira da Silva, Ellany Gurgel Cosme do Nascimento, João Mário Pessoa Júnior, Juce Ally Lopes de Melo realizam uma análise que apresenta a proposta sobre a imaginação primária funda-se em entender o particular o que incorpora e expressa

significados amplos e integrados, tornando-se real a dissociação da simples fantasia ao se tratar das alucinações esquizofrênicas. Sobre o conceito de imaginação criativa seus diferentes tipos se relacionam.

A proposta focal é elucidar que o portador de esquizofrenia não está limitado apenas à recepção passiva e à retenção de dados dos sentidos, mas mostra-se que esquizofrênicos não se baseiam simplesmente em um imaginário espontâneo a partir dos sentidos, e sim possuem um poder que o torna agente primordial da percepção humana quando traçam narrativas.

Com isso, o estudo leva em consideração que a capacidade imaginativa é inerente a cada “Ser” humano de forma diferenciada, o considerando a unicidade entre a matéria e a mente como fator primordial de existência das duas, fator este que deve ser entendido para a possibilidade de um mundo no qual todos sejam participantes de uma realidade harmoniosa sem pressupostos em características individuais, feita de um conteúdo originário de uma consciência universal.

Mostrando a sua importância no desenvolvimento demonstrados pelas teorias de Roberts Aven, que discorre fundamentando a imaginação que se apresenta amplamente nas obras de Carl Gustav Jung e Owen Barfield, sendo que se deve entender a imaginação a partir da existência da dependência mútua do sujeito e do objeto; da mente e da matéria ao qual se relaciona com os diversos, outro ponto relevante para a nossa pesquisa dentro do artigo são as garantias que a fenomenologia atribui com signo apresentando possibilidades infinitas de recepção na cognição de diferentes pessoas.

Então, de acordo com o texto e acreditando na ideia é notório o fato de que uma obra desenvolvida por um esquizofrênico apenas terá seu entendimento narrativo desvendado a partir de suas próprias qualidades sógnicas, ou seja, qualquer interpretação feita sobre uma narrativa se dá a partir de uma experiência e percepção alheias ao autor e à obra.

O oitavo artigo com tema: “A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios”, tem como autores Paulo Amarante e Mônica de Oliveira Nunes, que fazem um paralelo entre as influências com percurso histórico e epistemológico da construção das políticas públicas de saúde mental e atenção psicossocial a partir do SUS.

Os pressupostos dessa abordagem identificam as ações e as estratégias relacionadas ao aspecto da participação social na construção das políticas, um dos princípios fundantes do SUS, discutindo a importância da trajetória do processo da reforma psiquiátrica no Brasil, destacam-se também a originalidade e a importância da atuação que teve como meio e como fim a cultura, no sentido de não restringir a reforma psiquiátrica a uma transformação limitada aos serviços e à saúde em sentido estrito.

Ressaltando o princípio da construção de um novo lugar social para a loucura apresentando assim consciência de caráter universal inspirada em modelos de outros países com a construção histórica das políticas de saúde mental, identificando as iniciativas mais importantes e seus impactos na transformação do modelo assistencial e encerra com o questionamento sobre a reorientação conservadora que no momento se impõe.

Enfim, dentro do contexto histórico estão os primeiros movimentos relacionados à assistência psiquiátrica brasileira surgiram nos anos 1970 quando profissionais recém-formados encontraram um cenário de descaso e violência e a mobilização de bolsistas e residentes dos hospitais psiquiátricos do Ministério da Saúde (MS), onde as condições eram absolutamente precárias.

No cenário de redemocratização e luta contra a ditadura, relacionando a luta específica de direitos humanos para as vítimas da violência psiquiátrica com a violência do estado autocrático, que se constituiu o ator social mais importante no processo de Reforma Psiquiátrica (RP). Toda essa repercussão de informações influenciou de forma significativa a construção das políticas públicas, não só na saúde, mas em outros setores (cultura, justiça, direitos humanos, trabalho e seguridade social).

Conclui dentro de tais conceito da história a construção dos princípios do SUS na Constituição de 1988, sob nova perspectiva para a autonomia e o desenvolvimento das políticas municipais de saúde que mesmo unificado se apresenta descentralizado, o texto aqui se apresenta de forma muito relevante pois traz todo um conceito de mudança que realizam as intervenções nos hospitais psiquiátricos onde ocorriam graves violações dos direitos humanos.

No nono artigo intitulado: “Por trás da máscara da loucura”: cenários e desafios da assistência à pessoa com esquizofrenia no âmbito da Atenção Básica”, com o objetivo de analisar os cenários e desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na assistência às pessoas com esquizofrenia na Atenção Básica o artigo de pesquisa quali/quantitativa, e de caráter descritivo-exploratório.

Obteve resultados que apresentam que a assistência prestada à pessoa com esquizofrenia é insuficiente para identificar e atender às suas reais necessidades e que as propostas das políticas públicas de saúde mental se distanciam da realidade no sentido de implementação, o texto também menciona que no cenário de atendimento da atenção básica se limita à orientação da medicação e ao encaminhamento para o serviço de referência;

O décimo e último artigo selecionado com o título “Ludicidade do Adulto: Como recursos lúdicos podem ser utilizados para o auxílio nos processos de enfrentamento em casos de transtorno de ansiedade e depressão” elaborado por Nubia Rodrigues de Souza, tem a

finalidade de aprofundar conhecimentos teóricos e práticos explica a ludicidade do adulto na sociedade brasileira.

Com sua análise em 2019, aponta o enfrentamento de crise financeira o que tem por consequência o aumento do desemprego, o qual influencia diretamente no aumento de ansiedade e depressão, esta pesquisa bibliográfica, discorre sobre a ansiedade, a depressão e o cenário em que se encontram os indivíduos adultos na crise econômica buscando relações aos processos mentais e seus impactos na vida do sujeito.

O artigo tem por perspectivas a ser atingida, demonstrar como recursos lúdicos, jogos, brincadeiras, entre outros podem ser utilizados na psicoterapia, visando oferecer melhor qualidade de vida à população adulta, auxiliando nos processos de enfrentamento a transtornos de depressão e ansiedade, e assim estendendo a possibilidade de uso em outros transtornos como a esquizofrenia.

O texto abordou ludicidade em seu contexto histórico o problematizou e apresentou os benefícios do brincar e jogar na fase adulta e como estes podem ser utilizados como instrumentos de auxílio nos processos de enfrentamento em casos de transtorno, buscando explorar a compreensão para que assim possa proporcionar as pessoas possibilidades de reinserção. Esse estudo é necessário para a compreensão da importância que é destacar que as atividades lúdicas sejam utilizadas com intuito terapêutico executadas com técnicas sistematizadas de forma que o cliente entenda os reais significados e benefícios destas como estímulos e desenvolvimento de novos repertórios.

Todos esses artigos foram utilizados para responder os seguintes objetivos específicos, apresentados na introdução:

1º “Traçar uma visão humanizada do indivíduo com esquizofrenia através da perspectiva existencial”; esse objetivo foi necessário ao nosso trabalho para construir uma visão ampliada do indivíduo, apresentando um entendimento de suas potencialidades, dessa forma abrindo campo para a Ludicidade e Comunicação.

Para responder este, inicialmente abordamos os conceitos orgânicos como descreve Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) indicando as características do transtorno, divididos em cinco domínios que são: delírios, alucinações, pensamento e discurso desorganizado, comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal (incluindo catatonia) e sintomas negativos que, quando ampliados esses domínios, o diagnóstico médico é realizado (*American Psychiatric Association, 2022*).

Complementando esse objetivo, descrevemos a partir da ideia de Silva *et al.* (2020), que traz o conceito de Foucault que realizou críticas a respeito de como a loucura é vista pela

sociedade, conferindo ao indivíduo uma posição de marginalização e desordem social pois, para este autor, a loucura é utilizada como forma de opressão.

Assim como, Silva e Cohn (2018) que trazem em seu trabalho a Lei n. 10.216/2001, consolidada para garantias dos direitos das pessoas portadoras de transtornos mental, essa lei muda o modelo praticado na assistência em saúde mental, removendo antigo modelo manicomial.

Amarante e Nunes (2018), seguindo na perspectiva histórica destacam de forma objetiva que a saúde mental está integrada ao ciclo de ideias, propostas, projetos, movimentos e processos. No entanto, eles sugerem que, além do ciclo semelhante ou relacionado à reforma sanitária, a saúde mental também se configura como um processo mais abrangente e complexo.

Ainda em construção de uma visão humanizada desse indivíduo, passando a ser percebido como parte de uma comunicação interrelacional no seu ambiente familiar, Voguel (2011) escreve que não é possível desenvolver um estudo da esquizofrenia sem direcionar o olhar para a família, os estudos com seus desdobramentos nessa área concluíram em uma teoria denominada “Duplo Vínculo”, que em parte consolida se como um marco importante para a psicologia, resultando em uma visão de o “Ser” esquizofrênico como parte do processo comunicacional familiar. Sendo assim o “Ser” colocado como um indivíduo e parte de algo, não marginalizado e excluído.

Dentre outros autores utilizados no referencial teórico, estes citados contribuem para o entendimento orgânico, histórico, corpo social e familiar do indivíduo esquizofrênico, provocando a necessidade do olhar existencial, que vê o indivíduo como um “Ser” livre e capaz de construir a própria visão de mundo.

No texto de Oliveira *et al.* (2018), traz a concepção de que é possível observar o esquizofrênico com uma compreensão de sujeito subjetivo que se constrói a partir de sua própria singularidade, possibilitando que este trabalho converse com os conceitos de Ludicidade e Comunicação na esquizofrenia. Esses autores trazem a visão de Sartre, que abrange uma atuação que inclui os conceitos histórico-dialético para a psicologia, concebendo o indivíduo em seu contexto social, cultural e individual. Essa obra nos possibilita voltar esse olhar para o sujeito esquizofrênico, que, em determinado nível é afetado por esses fatores.

Já o psiquiatra Medard Boss, constrói uma visão da psicologia existencial sobre o portador de uma psicose, onde a psicopatologia pode ser entendida como distintos modos do “Ser” construir o seu próprio existir e esse indivíduo, para o profissional, deve ser concebido através dessas formas focando na compreensão do sujeito sobre suas vivências. Esse autor coloca como essencial a busca da singularidade e não do “Ser” como apenas um objeto da

natureza ou uma máquina, se opondo a visão cartesiana que tenta atribuir causas a todos os fenômenos (RODRIGUES, 2011).

Então, ambos os autores contribuem para o entendimento da possibilidade da observação do portador de esquizofrenia, como um “Ser” existencial construído a partir de sua própria visão de mundo, existente em seu contexto social e cultural, que afeta e é afetado por ele, assim como também deve ser observado através da compreensão de construção do próprio mundo, como um “Ser” singular.

Por meio das análises, houve a inserção dessas ideias no trabalho como modo de entendimento do indivíduo como um sujeito, desafiando a imagem socialmente estigmatizada da esquizofrenia e ampliando a perspectiva psicológica além do que é proposto no DSM.

2º Apresentar os conceitos de Ludicidade e Comunicação correlacionando ao contexto do indivíduo esquizofrênico como parte do processo interacional, relacional e social.

Para esse objetivo, é importante entender que Ludicidade delinea como um conceito polissêmico, no artigo de Lopes (2014) o conceito assenta se como um fenômeno e condição do sujeito estando presente em cada pessoa e em qualquer cultura, sendo a ludicidade experimentada e expressada pelos indivíduos de maneira singular, e para a autora, isso contribui para enriquecer as relações.

Considerando a ludicidade como condição humana, partindo dos pressupostos até aqui estudados e relacionados ela se manifesta de maneiras diversas nas experiências de brincar, jogar, recrear e aproveitar momentos de lazer. A essência da ludicidade situa se nos processos dinâmicos inter-relacionais e interativos protagonizados pelos seres humanos, nos quais atribuem um significado singular aos seus comportamentos lúdicos (LOPES, 2014).

Assim dizendo, a partir das reflexões de Conceição Lopes (2014) interpretamos que ela é uma dimensão essencial da natureza humana, que se expressa através de experiências como brincadeiras, jogos e lazer. Essas manifestações lúdicas são impulsionadas pelos processos dinâmicos e interativos entre as pessoas, conferindo significados únicos. Segundo a autora, ludicidade transcende fronteiras culturais e promove a intercompreensão, tornando-se uma poderosa ferramenta para a construção de conexões e entendimento mútuo na sociedade.

Essa noção, faz correlação com a visão Existencial desse trabalho, quando propõe uma ludicidade que é inerente ao “Ser” humano, portador de patologias, ou não. O artigo de Lopes (2014) se consolida à medida que suas perspectivas avançam e tornam a discussão mais aprofundada nos aspectos abordados, esse trabalho se converge com o artigo de Leal e Avila (2013), onde os autores apontam a Ludicidade em um campo mais palpável com as atividades lúdicas.

O mesmo trabalho aponta uma definição, onde a ludicidade é interpretada como um fenômeno a ser observado subjetivamente, ligado as experiências de realidade interna do “Ser”, podendo assim as atividades lúdicas, serem compreendidas como o ato social, um comportamento produto da cultura (LEAL; AVILA, 2013). Essas compreensões são relevantes para este trabalho, pois coloca tais atividades como manifestações sociais da Ludicidade, que por ser um fenômeno inerente, sendo capaz de ser observado a partir do ato social.

Os pontos convergentes das concepções localizam se ao abordar os aspectos interacionais da ludicidade: Lopes (2014) relaciona a ludicidade a experiência de engajar-se, explorando a criatividade, a imaginação, a expressão pessoal e a interação social (...) e manifesta como importante que o enfoque seja nos processos das interações e não no resultado das atividades, e Leal & Avila (2013) entende esse conceito como um fenômeno único e subjetivo que faz parte da realidade interna do indivíduo, enquanto que é através das Atividades Lúdicas que o ato social é passível de interações e observações.

Para Lopes e Teixeira (2005) a ludicidade e a comunicação, são fenômenos consequenciais da natureza humano, característicos em todas as fases do desenvolvimento, na infância e compartilhados por todos em qualquer idade. É no contexto comunicacional que a ludicidade é gerada, nas perspectivas dos autores, a compreensão das relações conceituais e de práticas estabelecidas entre as pragmáticas da comunicação e da ludicidade destacam uma conexão fundamental: o reconhecimento de que tanto a comunicação quanto a ludicidade são consequências/experiências essenciais do ser humano, sendo intrinsecamente relacionadas entre si.

Ainda segundo estes autores (LOPES; TEIXEIRA, 2005), deve se buscar entender a Ludicidade através de três dimensões, a primeira sendo a dimensão de condição do ser humano, o que conseguimos alcançar com a noção de indivíduo existencial descrita neste trabalho, onde o “Ser” esquizofrênico passa a ser entendido como sujeito de potencialidades e através da visão histórica compreende que existem inumeráveis possibilidades de contribuição desses indivíduos na sociedade no tocante é essencial a renovação de um olhar que excludente para um olhar humanizado.

A segunda dimensão refere se as manifestações da ludicidade, que aqui compreende se acontecer através das atividades lúdicas, para essa proposta, o fenômeno se trata das construções artísticas do indivíduo portador da esquizofrenia; já a terceira é sobre compreender a Ludicidade na dimensão dos seus efeitos, aqui construído como consequências das atividades lúdicas que é a comunicação e expressividade, que para o “Ser” esquizofrênico é observado através de suas construções artísticas.

3º Oportunizar ao psicoterapeuta a compreensão da importância do entendimento de como a ludicidade pode influenciar positivamente do processo de comunicação do indivíduo esquizofrênico.

Compreendendo que as atividades lúdicas são uma forma de manifestação palpável da ludicidade, e a ludicidade é um fenômeno inerente ao homem cultural e participante de uma sociedade; fazendo uma construção de processos interrelacionais tendo como consequência os processos comunicacionais que, por sua vez, são consequências a Ludicidade (LOPES, 2014; LOPES, TEIXEIRA, 2005; LEAL; AVILA, 2013).

Abordamos a posição histórica do “Ser” esquizofrênico que até nos dias atuais está localizado com uma ótica de marginalização, visto apenas como violento e agressivo. Antes da Reforma Psiquiátrica aprovada em 2001, as formas de tratamento ao portador de doença mental eram as mais desumanas possíveis, a partir desta, houve a criação de políticas públicas, Lei Antimanicomial que resultou uma certa melhora em diversos aspectos sociais, como a criação de dispositivos públicos de cuidado, exemplo: CAPS e NAPS (AMARANTE; NUNES, 2018).

Mesmo com a criação de Leis e dispositivos, ainda há falhas no atendimento desse público, seja a insuficiência de recursos para esse atendimento ou de profissionais não capacitados, e como uma das consequências, o paciente desses núcleos que é portador de esquizofrenia se torna isolado etc. (SILVA *et al.*, 2019).

Por todos esses aspectos abordados se faz extremamente necessário, compreender a esquizofrenia através de perspectivas mais humanas, psicológicas, existenciais e não apenas médicas. Pois a ludicidade quando se manifesta evidencia a capacidade transformadora de cada pessoa que, individualmente ou em coprodução de auto experiência, ensaia competências adquiridas, e mais tarde, as aplica e generaliza em contextos de não ludicidade.

Para fins desse trabalho, buscamos exemplificar a manifestação lúdica do esquizofrênico a partir de suas contribuições artísticas, que tem como maior referência o Museu do Inconsciente de Nise da Silveira e foi um marco na construção de um olhar humanizado do “Ser” esquizofrênico, por proporcionar um espaço de criatividade, Silveira (2015) retrata da possibilidade de acesso ao conteúdo psíquico do esquizofrênico, considerando o mesmo através de uma perspectiva fenomenológica-existencial.

Como descreve Resende e Argimon (2011) uma obra criada por uma pessoa com esquizofrenia só poderá ter sua compreensão narrativa revelada através de suas próprias características simbólicas. Isso significa que qualquer interpretação feita sobre a narrativa ocorre a partir de experiências e percepções externas ao autor e à obra, incluindo a experiência do próprio indivíduo com esquizofrenia.

O tratamento da esquizofrenia envolve diversas formas de intervenções sempre enfatizando a reabilitação, nesse empenho cabe o envolvimento de familiares, paciente e profissionais, a utilização do lúdico como forma de auxiliar o processo torna se uma descoberta de novas possibilidades.

E transformar esse olhar do profissional atuante na assistência do portador de esquizofrenia é essencial desenvolver o cuidado mais humanizado considerando as potencialidades que a ludicidade apresenta com capacidade de proporcionar um espaço de expressão visando na manifestação dos processos interrelacionais dos indivíduos.

Dessa forma, a ludicidade de modo palpável na realização atividades descritas lúdicas como espaço de expressividade, contribui na promoção da reinserção física, psíquica e social desses indivíduos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral e específicos deste trabalho foram construídos sob os direcionamentos: “Como posso acessar o conteúdo psíquico do esquizofrênico como forma de promoção de qualidade de vida, sem condicioná-lo a um molde. propomos vê-lo a partir de uma perspectiva de “Ser” com o direito de existência.” Como objetivo pessoal, nos propomos falar do Indivíduo e não do transtorno, seria isso possível?

Inicialmente construímos o seguinte Problema de Pesquisa: “É possível utilizar a ludoterapia como ferramenta psicoterápica em adultos esquizofrênicos?”, tivemos dificuldade em desenvolver, pois com o problema de pesquisa éramos direcionadas a uma metodologia de psicoterapia que, é muito comumente direcionada e aplicada no campo infantil; mesmo tendo estudos que corroboram que a Ludicidade existe e é considerada importante para a fase adulta, como afirma alguns autores como Winnicott.

Diante da impossibilidade apresentada, por falta de referencial teórico, realizamos mais pesquisas e amadurecemos a ideia do que queríamos abordar em nosso Trabalho de Conclusão de Curso, nessa fase elaboramos o seguinte Objetivo Geral: “Compreender a ludicidade no processo de comunicação do sujeito com esquizofrenia fazendo emergir o olhar para suas potencialidades como indivíduo existencial;

Para desdobrar o conteúdo, precisávamos compreender o Transtorno que nos propúnhamos a estudar e apresentamos a noção de esquizofrenia traçada pelo DSM, o Manual publicado em 2016 tendo como autor a *American Psychiatric Association*, o qual fornece informações importantes para o diagnóstico médico e orientações para os profissionais que realizam esse trabalho, como comportamentos alarmantes, sintomas observáveis, domínios das psicopatologias etc.

O manual nos fornece conteúdo não somente da esquizofrenia, mas de doenças mentais em geral. Durante a sistematização de artigos, foram encontrados trabalhos que concebem o DSM como insuficiente apontando críticas bem elaboradas, questionando dentro de uma noção verticalizada e apenas patologizante, essa perspectiva dentro das críticas não foi abordada diretamente no trabalho; aqui, usamos o manual como algo complementar o acervo de informações com base científica.

Na primeira parte, abordamos aspectos gerais dos indivíduos visto a sintomatologia e o contexto sócio-histórico do portador do transtorno, que a situação familiar se torna complexa devido à construção do ambiente familiar desse indivíduo, que como referenciado anteriormente, ao receber o diagnóstico de esquizofrenia, todo o cotidiano é alterado e em quase todas as vezes a relação doença-família acaba sendo afetada negativamente.

Neste momento da pesquisa abre-se o campo para trabalhar a esquizofrenia no contexto familiar, revelando se necessário e importante, pois como resultado dos estudos apresentados esse grupo ocupa parte significativa e essencial da recuperação do familiar que recebe o diagnóstico, e com a participação dos familiares há maior chance de adesão ao tratamento, bem como a participação de ambientes que promovam a sociabilização;

Através desse trabalho foi possível verificar existe necessidade de abordagens menos verticalizada para pacientes psiquiátricos, com a finalidade de evitar a visão reducionista do indivíduo, como se ele fosse apenas a sua doença. Isso seria negar a existência, história de vida e sofrimento dessa pessoa, colocando o foco principal na doença em vez de focar no indivíduo.

A partir dessa concepção, buscamos demonstrar a perspectiva existencial do indivíduo esquizofrênico e tivemos como principal resultado a concepção de Boss que aborda a psicose como uma forma distinta do “Ser” humano, e considera como necessário focalizar na compreensão de vivência do sujeito e no humano em sua singularidade. Traçar a visão existencial foi primordialmente relevante neste trabalho pois adicionou todo o sentido ao trabalho e partir daí concebemos uma melhor noção para desenvolver os aspectos de Ludicidade e Comunicação dessa pesquisa.

Conclui-se então a partir dos estudos que a Ludicidade é um conceito polissêmico e um fenômeno inerente a natureza humana. Podendo ser observada através das atividades lúdicas, que configura em: brincar, jogar, ou qualquer processo promova a interação entre indivíduos. Esta, tem como consequência uma conexão de diversos aspectos pois o desenvolvimento humano é favorecido pela prática de atividades lúdicas, pois através delas há o despertar das emoções, criatividade, imaginação, sociabilidade, inclusão, autonomia, espírito crítico e cidadania.

E em parte dessa interação mostra as possibilidades de comunicação, ratificando que sua existência é inerente ao ser humano, a comunicação se manifesta de diversas formas, como a própria linguagem falada e escrita onde a comunicação é intencional e ocorre de maneira direta e de forma mais óbvia.

Na perspectiva comportamental, o comportamento está o tempo todo comunicando, seja através de uma expressão como um sorriso, franzir da testa ou “apertar” os olhos, tudo é comunicação, até mesmo quando uma pessoa pode não querer comunicar como, tentar se manter “neutro”, tudo isso indica formas de comunicação. Então, conclui-se, que é impossível não se comunicar. Essa afirmação se faz importante para construirmos o entendimento de que o esquizofrênico tem o seu modo de desempenhar a comunicação, que além de outras maneiras, também ocorre de forma lúdica.

Como demonstrado por Nise da Silveira, ao abrir o espaço para um olhar humanizado e além da psicopatologia, se obtém como resultado, incríveis contribuições artísticas produzidas através do panorama de um sujeito psicótico, que vê na tela limpa, a oportunidade de se expressar e se construir na sua própria visão de mundo, fazendo uso da criatividade artística, totalizando em uma maneira de manifestação da ludicidade em um processo comunicacional que, como repercussão, se configura em um processo interacional.

Assimilando esse indivíduo de forma horizontal, entende-se o amplo e humanizado, um “Ser” de fato visto em todo o seu signo e significado como sujeito biopsicossocial. Seu ganho se apresenta em forma que engloba não só os profissionais da medicina, mas a psicologia e outros envolvidos na assistência do sujeito com diagnóstico de esquizofrenia, considerando esse processo como multiprofissional.

Através desses pensamentos, a compreensão da importância de realizar uma redução fenomenológica sobre a doença, para que possa ser compreendido o sujeito e não sua patologia, pois antes de ser doente, é humano, um “Ser” dotado de infinitas possibilidades. Isso não significa ignorar a existência da doença, mas saber e compreender que a esquizofrenia ou qualquer outra doença mental, está para além do que os olhos veem.

Durante a elaboração da pesquisa encontramos uma barreira metodológica que consistiu na inexistência de artigos, livros e periódicos que correlacionem a Ludicidade com a Esquizofrenia, que são os grandes constructos desse trabalho, porém, através de análises e interpretações das perspectivas conseguimos finalizar este trabalho com o passo inicial para construir essa correlação desses constructos; considerando esse campo como uma possibilidade em sua amplitude há se desenvolver, temos a pretensão de averiguar em pesquisas futuras, havendo possibilidade de estudos de caso, o tema aqui abordado.

Embora existam poucos estudos aprofundados sobre a ludicidade no processo de comunicação do “Ser” esquizofrênico, consideramos que houve significativos avanços para a compreensão de como a ludicidade se faz observável no processo comunicacional e interacional do “Ser” esquizofrênico. Sendo assim, recomendamos a ampliação na atenção às necessidades de cuidado dos sujeitos portadores de esquizofrenia, no que alude a suas necessidades de cuidado, para que, tanto o esquizofrênico, como a família e a equipe de saúde multidisciplinar trabalhem juntos para buscar uma assistência integral.

O estudo não se limita as questões apresentados acima, mas segue como sugestão para futuros trabalhos acerca do tema, indicando-se como a realização de estudos através de elaboração de teorias e técnicas apontando benefícios eficientes com vontade de oportunidades desenvolvendo o debate sobre a liberdade e singularidade de cada indivíduo acreditamos no

potencial de resultados positivos. Porém, enfatizamos como prioridade, a necessidade de levar à pauta para a produção de conteúdo de estudos sobre tais temas tão relevantes para a atuação na psicologia e de forma mais concreta e eficiente de convencer profissionais, sociedade e seus representantes que é necessário grandes investimentos na temática.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AMARANTE, P.; NUNES, M. DE O.; **A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 6, p. 2067–2074, jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.0708>.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR** [Recurso eletrônico]. 5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad. Porto Alegre, RS: Artmed,2022.
- AMORIM, L., *et al.*; **Perspectivas conceituais e instrumentos para avaliação de funcionalidade em pacientes com esquizofrenia.** *Aval. psicol.*, Itatiba, v. 16, n. 4, p. 478-488, out. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1604.13050>.
- COSTA, E. M.; PERES, S. P.; **Princípios fenomenológicos da compreensão da esquizofrenia fundamentados em Vigotski.** *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 128-147, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica.* São Paulo: Perspectiva,1978.
- FRAYZE-PEREIRA, J. A.; **Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política.** *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 197–208, set. 2003.
- LEAL, L. A.; AVILA, C. M.; **A ludicidade como princípio formativo.** *Interfaces Científicas - Educação*, v. 1, n. 2. p. 41–52, 2013. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2013v1n2p41-52>.
- LOPES, C. **Design de ludicidade.** *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, v.3, n.2., 2014. DOI: <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v3i2.9155>.
- LOPES, M. C. O.; TEIXEIRA, L. F. B.; **GT: Comunicação e Ludicidade.** *SOPCOM: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, p. 437–446, 1 jan. 2005. DOI: <https://doi.org/10.34624/sopcom.v0i0.15827>.
- MENDES, K. D. S. *et al.*; **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 17, n 4, p.758–764, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.
- MORAIS, R.; **Imaginação criativa: um estudo semiótico sobre o ato criativo de esquizofrênicos.** *Vozes em diálogo.* 1º ed., v. 1, p. 143-158. São Bernardo do Campo: Educação Metodista, 2018.
- OLIVEIRA, E. C. A. *et al.*; **O ser e a esquizofrenia: entre conceitos e cuidados em uma nuance fenomenológico existencial.** *Akrópolis Umuarama*, v. 26, n. 1, p. 59- 71, jan./jun., 2018. DOI: <https://doi.org/10.25110/akropolis.v26i1.6428>.
- RABELO, F.C., *et al.*; **Esquizofrenia, clínica e saúde mental na psicologia sócio-histórica e na psicanálise.** *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 229-247, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n02A02>.

RESENDE, A. C.; ARGIMON, I. I. L.; **Esquizofrenia e criatividade artística**. *Estud.pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 755-775, dez. 2011.

RODRIGUES, L. R.; **A esquizofrenia na perspectiva da analítica existencial**. UFRGS, 2011.

SANTOS, A. E. *et al.*; **Comportamento comunicativo de indivíduos com diagnóstico de esquizofrenia**. *Revista CEFAC*, v. 16, n. 4, p. 1283–1293, jul. 2014.

SANTOS, Geny.; **Esquizofrenia e o Cuidado à Família em uma Abordagem de Terapia Sistêmica**. *Revista Latino-Americana De Psicologia Corporal*, vol. 2, n 3, p. 65–76, mai., 2015.

SILVA, A. P. DA. *et al.*; **“Por trás da máscara da loucura”: cenários e desafios da assistência à pessoa com esquizofrenia no âmbito da Atenção Básica**. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. 1, p. 2–10, jan. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i1/5517>.

SILVA, A. T. *et al.*; **(Re)Visitando a reforma psiquiátrica brasileira: perspectivas num cenário de retrocessos**. *Av. Enferm, Bogotá*, v. 38, n. 3, p. 380-386, dez. 2020.

SILVA, C. M.; COHN, A.; **Comunidades terapêuticas: proposta de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas e os princípios da Reforma Psiquiátrica e da Política Nacional de Saúde Mental**. *Unisantia Law And Social Science*; v. 7, nº 3, ISSN 2317-1308, p. 3 – 21. 2018.

SILVEIRA, N. D.; **Imagens do Inconsciente-Nise da Silveira**. Petrópolis, RJ: Vozes, v. 4 n. 2., 2015.

SOUZA, N. R.; **LUDICIDADE DO ADULTO: Como recursos lúdicos podem ser utilizados para o auxílio nos processos de enfrentamento em casos de transtorno de ansiedade e depressão**. *Psicologia.pt*. 2019.

TAMMINGA, C. **Esquizofrenia**. Manual MSD- Versão para profissionais da Saúde, 2022. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/esquizofrenia-e-transtornos-relacionados/esquizofrenia>>. Acesso em: 05, maio de 2023.

VOGEL, A.; **Um breve histórico da Terapia Familiar Sistêmica**. *Revista IGT na Rede*, v. 8 nº. 14, p. 116-129, 2011. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN: 1807-2526
WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Página de assinaturas

João C

João Cardoso
023.487.022-23
Signatário

Milena S

Milena Sousa
782.675.873-49
Signatário

Dionis S

Dionis Souza
027.844.665-58
Signatário

Daniela A

Daniela Americo
005.484.062-78
Signatário

Daniela S. Américo
Coordenação de Psicologia

Coordenação Psicologia
005.484.062-78
Signatário

HISTÓRICO

- 19 jul 2023**
09:15:33  **Kaina De Souza Gomes** criou este documento. (E-mail: kainadesouzagomes@hotmail.com)
- 02 ago 2023**
20:17:44  **Daniela S Americo** (E-mail: danielaamericoa@gmail.com, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.146 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 02 ago 2023**
20:17:48  **Daniela S Americo** (E-mail: danielaamericoa@gmail.com, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.146 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 19 jul 2023**
20:43:03  **João Luiz Sousa Cardoso** (E-mail: agronomojoaocardoso@outlook.com, CPF: 023.487.022-23) visualizou este documento por meio do IP 191.246.227.110 localizado em Belém - Para - Brazil



- 19 jul 2023**
20:43:15  **João Luiz Sousa Cardoso** (E-mail: agronomojoaocardoso@outlook.com, CPF: 023.487.022-23) assinou este documento por meio do IP 191.246.227.110 localizado em Belém - Para - Brazil
- 25 jul 2023**
18:20:01  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) visualizou este documento por meio do IP 170.231.134.232 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 25 jul 2023**
18:20:06  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) assinou este documento por meio do IP 170.231.134.232 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 20 jul 2023**
16:02:43  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: milenvieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) visualizou este documento por meio do IP 200.124.94.215 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 20 jul 2023**
16:02:47  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: milenvieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) assinou este documento por meio do IP 200.124.94.215 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 31 ago 2023**
21:17:53  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionópolis - Para - Brazil
- 31 ago 2023**
21:19:37  **Coordenação de Psicologia** (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionópolis - Para - Brazil



Página de assinaturas

tarsis C

tarsis Costa
010.215.872-06
Signatário

Kaina G

Kaina Gomes
047.949.592-06
Signatário

HISTÓRICO

- 12 set 2023**
11:25:32  **Coordenação de Psicologia** criou este documento. (E-mail: psicologia@fadesa.edu.br)
- 13 set 2023**
07:52:54  **Kaina De Souza Gomes** (E-mail: kainadesouzagomes@hotmail.com, CPF: 047.949.592-06) visualizou este documento por meio do IP 177.87.165.179 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 13 set 2023**
07:55:02  **Kaina De Souza Gomes** (E-mail: kainadesouzagomes@hotmail.com, CPF: 047.949.592-06) assinou este documento por meio do IP 177.87.165.179 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 12 set 2023**
11:25:48  **tarsis Thayna Menezes Costa** (E-mail: tarsispontes@hotmail.com, CPF: 010.215.872-06) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 12 set 2023**
11:25:53  **tarsis Thayna Menezes Costa** (E-mail: tarsispontes@hotmail.com, CPF: 010.215.872-06) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.62 localizado em Curionopolis - Para - Brazil

